

ABEL SALAZAR, EGAS MONIZ E AS DUAS CULTURAS¹

Manuel Valente Alves

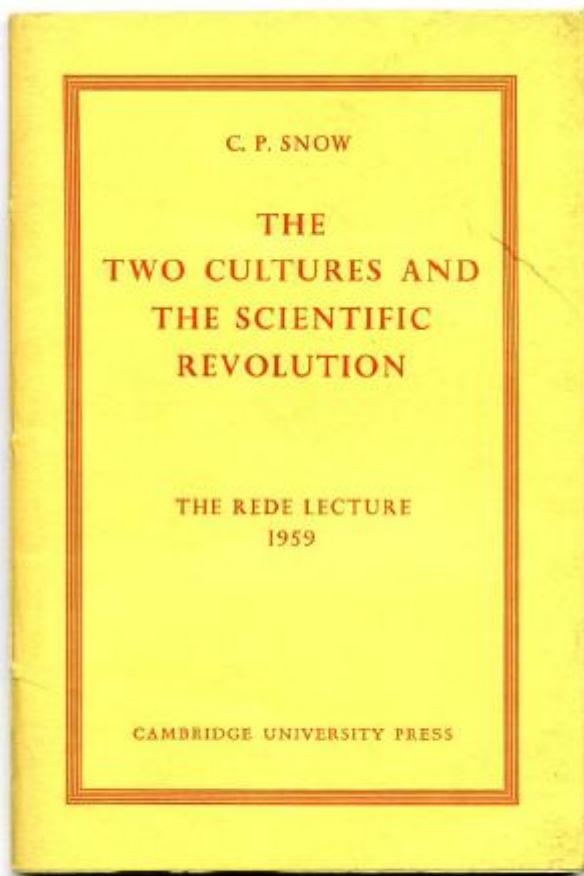
Especialista em Medicina Geral e Familiar

Director do Museu de Medicina da FMUL

Co-regente da disciplina de

História da Medicina na FMUL

As duas culturas



C. P. Snow, *The Two Cultures and the Scientific Revolution*
Cambridge University Press, 1959

* Conferência proferida pelo autor na Casa Municipal da Cultura, em Estarreja, no dia 17 de Maio de 2014, no contexto da celebração do Dia Internacional dos Museus, organizado pela Casa Museu Egas Moniz e pela Casa Museu Abel Salazar.

Em 1959 o físico e escritor inglês Sir Charles Percy Snow, figura prestigiada dos meios culturais ingleses, profere na Casa do Senado, na Universidade de Cambridge, a célebre conferência «As duas culturas e a Revolução Científica». Hoje, passados mais de cinquenta anos, o tema permanece actual e continua a ser objecto de discussão. Snow, na altura com 54 anos de idade, era publicamente respeitado quer como homem de ciência quer como literato e político. Defendia a necessidade de religar as «duas culturas», a científica e a humanística, que se tinham desligado com o aprofundar das revoluções científica e industrial e o advento da especialização do saber. Entre o mundo dos artistas (os intelectuais literários e de outras artes) e o mundo dos cientistas, explicava Snow, passou desde então a existir «um abismo de incomprensão mútua», que motivou em ambos os lados «hostilidade e aversão». Arte e ciência passaram a ser duas visões aparentemente inconciliáveis do mundo, desprezando-se mutuamente: muitos cientistas consideravam que a filosofia, a literatura e a expressão artística eram formas ociosas de especular sobre a realidade, razão pela qual pouco interesse tinham para um verdadeiro conhecimento das coisas; os literatos, por seu lado, consideravam serem eles próprios os verdadeiros «intelectuais», e não os cultores das ciências.

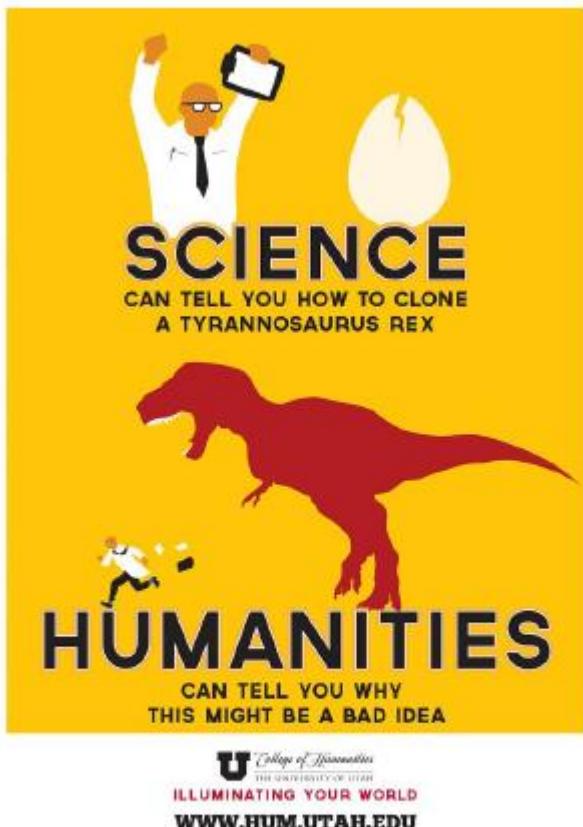
Na altura, a educação britânica impunha os jovens estudantes uma escolha prematura entre as áreas científicas e de humanidades, acentuando a clivagem entre estas duas culturas. C.P. Snow considerava que se tratava de um grave erro educativo, com consequências muito negativas na educação das gerações vindouras. Em sua opinião, ao serem privadas de uma visão orgânica do mundo, as gerações do futuro estariam muitíssimo limitadas face aos novos desafios da cidadania participativa que se perfilavam no horizonte social e político.

O divórcio entre as «duas culturas» começou de facto com a Revolução Científica, quando o corpo da natureza e do homem começaram a ser sistematicamente dissecados e analisados à luz de uma nova ciência que, progressivamente, se foi distanciando da filosofia, das artes e da religião, assumindo-se como farol do mundo. Mas no começo, essa ciência necessitava, para se afirmar, de uma inteligibilidade própria, uma visão crítica de si própria e do mundo, que não excluía outros domínios do saber, muito pelo contrário, integrava-os. A descoberta de novas leis da natureza, através da física, por exemplo, não excluía a ideia de Deus, ou seja, uma visão cosmológica do mundo, absolutamente necessária para integrar os múltiplos saberes que se começavam a organizar, e uma filosofia, ou seja, um método para pensar tudo isto de forma

inteligível. No século XVI, as fabulosas máquinas voadoras e robôs inventados por Leonardo da Vinci (1452-1519), não excluem a ideia de Deus. Do mesmo modo, as descobertas anatómicas de Andreas Vesalius (1514-1564), fundadoras da moderna medicina científica e difundidas através do seu célebre tratado *De humani corporis fabrica* (1543), ilustrado com desenhos de Stefan van Calcar, assentam na ideia de que o corpo humano é uma fábrica magistral concebida e gerida por Deus, o supremo artífice. Já no século XVII, a visão mecanicista de Descartes, *res extensa* e *res cogitans*, separação entre o corpo e a mente, não exclui a ideia de Deus. Pelo contrário, inscreve-a no conceito de alma humana, princípio vital. Também nessa altura, a descoberta do mecanismo da circulação sanguínea no homem por William Harvey, publicada e ilustrada pelo próprio em *De motu cordis* (1628). Tudo concepções mecânicas do corpo que, embora ponham em causa o conhecimento tradicional herdado dos antigos, nunca questionam a existência de Deus, que está sempre presente através da ideia de alma. Tratava-se de uma questão de inteligibilidade do mundo: Deus era uma realidade considerada factual. Discutir a sua existência era impensável. Outro exemplo: Johannes Kepler (1571-1630), matemático e astrónomo alemão, ao mesmo tempo que descreve as três leis fundamentais da mecânica em *Astronomia Nova* (1609), aprofunda a astrologia, baseada na ideia de que o futuro se encontrava inscrito nas estrelas.

A sabedoria destes cientistas baseava-se no cruzamento de saberes muito diversificados. Foi essa multidisciplinaridade que alimentou a curiosidade que os levou a sondar o desconhecido, a fazer ciência, abrindo as portas do conhecimento em vários domínios, muitas vezes contra tudo e contra todos, desafiando a ordem política, cultural e religiosa estabelecida. Mas à medida que a ciência foi evoluindo, os domínios de investigação acabaram por se tornar cada vez mais restritos. A conjugação de aptidões várias num mesmo cientista era cada vez mais difícil. No final do século XVIII, a cisão entre as ciências e as artes, o Iluminismo e o Romantismo, foi a machadada final na concepção aberta do conhecimento que marcou os primórdios da ciência moderna. Desde então arte e ciência seguiram, cada uma, as suas próprias vias.

As universidades e a prática da medicina



Cartaz do College of Humanities da Universidade de Utah

Actualmente, a produção de resultados em ciências exactas obriga a um afunilamento do conhecimento, que reduz o horizonte de interesses dos cientistas. A formação actual de um investigador em física, química ou biologia, centra-se hoje, fundamentalmente, no desenvolvimento de aptidões técnicas, experimentais ou de cálculo, muito específicas, para que possa produzir rapidamente resultados práticos, isto é, aplicações tecnológicas que possam ser comercializadas, rentabilizando assim o investimento. A formação restrita (especializada) muito precoce do cientista pode mesmo impossibilitá-lo de desenvolver uma verdadeira «cultura científica» dentro da sua própria especialidade, impedindo-o de olhar com sentido crítico para a realidade envolvente.

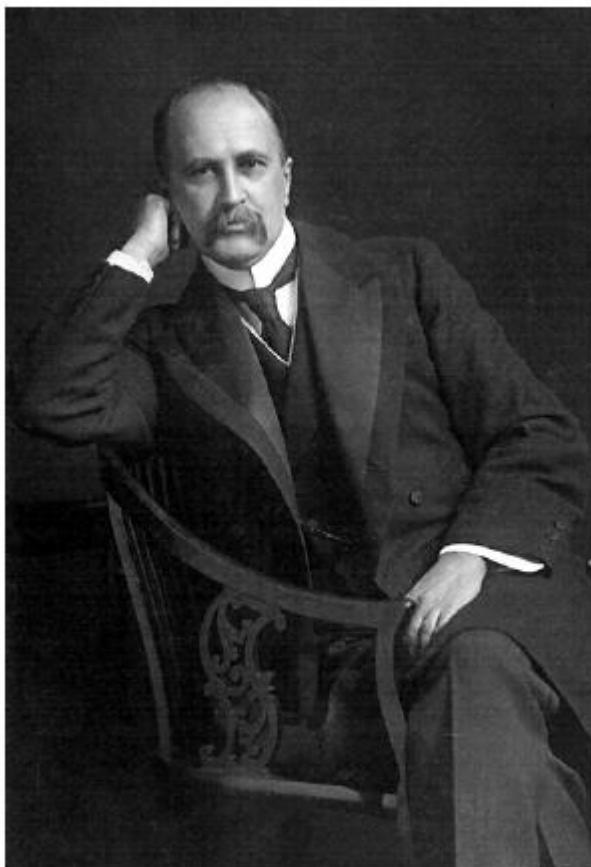
Nas humanidades e nas artes, embora com nuances, a situação é idêntica. Porém, dada a própria natureza do próprio conhecimento humanista, que funciona como uma íman, na investigação em ciências humanas e sociais o cientista tende a alargar os seus horizontes culturais, em vez de os restringir, recorrendo, talvez com mais frequência, a outros

saberes. Mas a ânsia da especialização e da obtenção de resultados leva frequentemente os investigadores destas áreas a desprezarem uma reflexão mais cuidada, contextualizadora, mesmo nas humanidades. Esta atitude reflecte a tendência de alguns investigadores para produzir resultados que muitas vezes não são inteligíveis para um público, mesmo culto: a linguagem muitas vezes usada é hermética, curto-circuitando a comunicação com o público não especializado.

A situação tem vindo a piorar com a departamentação das universidades, que em geral favorece às áreas científicas em detrimento das humanísticas. Quando as aplicações da ciência dominam praticamente todas as áreas da actividade humana, como acontece hoje em dia, o choque entre valores do conhecimento tende a ser maior, criando equívocos. Como se pode ver no encerramento de departamentos das áreas das humanidades em muitas universidades. Para muitos, o saber resultante da filosofia, da intelectualidade literária ou das artes não se traduz em nada de aparentemente «útil» (não são «motores da economia»), pelo que o investimento nestas áreas não se traduz num valor de troca. A fraca empregabilidade de muitos dos seus cursos parece comprová-lo. A questão não deve ser vista sob esta perspectiva tão simplista, ela terá de se enquadrar num contexto mais geral, a da crise das universidades, a universidade em «ruínas», na expressão de Bill Readings, ou «sem condição» como refere Jacques Derrida.

A universidade, e com ela o conhecimento em geral, está de facto em crise, como se vê pela necessidade de utilizar, como qualquer empresa que pretende vender o seu produto, slogans ocos sem qualquer conteúdo objectivo, como as expressões de «excelência», «empreendedorismo», «empregabilidade», etc. Para se adaptar a um mundo em rápida transformação, como o de hoje, a missão da universidade não é apenas a de transmitir saberes ou competências técnicas específicas: ela precisa de promover valores, como a cidadania, e conhecimento, melhorando a literacia, a capacidade de ver, pensar e imaginar o mundo. Tal só é possível através de uma atitude «consiliente» face ao conhecimento. «Consiliente», um termo de Edward O. Wilson, pioneiro da sociobiologia, quer dizer integração inteligente de saberes diversificados, para se poder «reunir a informação adequada no momento adequado, pensar de forma crítica sobre ela e realizar de maneira sábia importantes escolhas.»

Há no entanto uma área da experiência e do saber em que a divisão entre as duas culturas nunca se colocou: a medicina. Com efeito, ao longo de séculos, pelo menos desde os tempos da Grécia antiga, os médicos têm sabido combinar áreas e aspectos do conhecimento e da experiência humana tão diversos e aparentemente antagónicos como a arte e a ciência, a razão e a emoção, a objectividade e a subjectividade de uma forma muito natural. Talvez porque o seu objectivo, a finalidade do acto médico é prevenir, minorar ou eliminar o sofrimento da pessoa doente, tratando não apenas a doença, o particular, mas também o seu todo, o doente. O que o obriga a avaliar tudo o que lhe diga respeito. O ministério sagrado do médico, ao obrigá-lo «a ver tudo» permite-lhe, como explicava Tardieu, «dizer tudo». A cultura humanista é, para a classe médica, uma longa tradição, respeitada por quase todos os médicos, mesmo pelos mais jovens, porque ela se tem revelado indispensável às boas práticas. Comprova-o a persistência de rituais muito antigos, como o Juramento de Hipócrates, que os médicos, ainda hoje, obedecem quando entram para a profissão.



Autor não identificado, *Sir William Osler*, 1912, fotografia
Col. Alan Mason Chesney Medical Archives,
The Johns Hopkins Medical Institutions, Baltimore

O médico William Osler, pai da moderna medicina clínica de base científica, fundador da Johns Hopkins Medical School, Baltimore, num dos seus célebres aforismos diz que «a medicina é um arte baseada na ciência» e noutro sublinha que «é mais importante conhecer o doente que tem a doença do que a doença que o doente tem».

Foram muitos os médicos que souberam, ao longo da história, brilhar em simultâneo nas artes e nas ciências, honrando essa tradição. Escolhi dois exemplos, Abel Salazar e Egas Moniz, duas personalidades destacadas da medicina e da cultura do século XX, cuja prática profissional, combinando a investigação científica e as humanidades, demonstrou que as «duas culturas» não só não se incompatibilizavam como se potenciavam mutuamente.

Abel Salazar: uma figura renascentista



Abel Salazar, *Auto-retrato*, s. d., desenho e óleo sobre tela
Col. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Abel Salazar (1889-1946) fundou, com Marck Athias, Augusto Celestino da Costa e outros, da Escola Portuguesa de Histologia, e tornou-se um investigador reconhecido através da invenção de um método de coloração celular – o método tano-férrico – que o levou à descoberta, em 1932, de um dos componentes da célula: o aparelho Paragolgi.

Até então o aparelho de Golgi era uma estrutura simples. Com a descoberta de Salazar passou a ser designado por complexo de Golgi e universalmente descrito como composto por dois sistemas, os aparelhos de Golgi e Paragolgi, que representam, respectivamente, o composto lipídico e proteico. Grande parte da investigação foi feita no Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina do Porto, que criou em 1918.

Apesar de ter escolhido, como cientista, uma área de investigação restrita, a célula, a unidade fundamental constituinte de qualquer ser vivo, Abel Salazar cedo sentiu a necessidade de se abrir a novos mundos, a horizontes mais vastos do ponto de vista científico e cultural. Por isso ele foi ligando a investigação científica a outros saberes e experiências, desenvolvendo um pensamento e uma prática interdisciplinares extremamente ricos que imediatamente o singularizaram, demarcando-se das concepções positivistas que então dominavam a cultura de grande parte das elites científicas. O modo como concebia a ciência, as suas possibilidades e os seus limites, é verdadeiramente notável e actual, como se pode ler nesta passagem do seu livro *Hematologia* (1945): «Acentuaremos apenas que, se o esforço conceptual da ciência se faz no sentido da objectivação, este esforço é muito maior em biologia e em tudo o que se prende com a vida, do que nos outros ramos da ciência. Nestes a objectivação, senão completamente realizada, é suficiente no sentido de tornar a ciência independente do subjectivo. Em biologia, pelo contrário, a objectivação é incompleta, difícil e está sempre numa espécie de equilíbrio instável entre o subjectivo e objectivo.» Ao concluir que a objectivação completa dos fenómenos é uma tarefa impossível em biologia (não se pode cristalizar a vida), Abel Salazar enveredou decisivamente pela via da «complexidade», conceito que irá ser discutido e aprofundado já no final do século XX, por Edgar Morin, Edward Wilson e outros grandes pensadores cosmopolitas.

Abel Salazar é de facto uma das figuras maiores da cultura do século XX, reconhecido quer como cientista quer como artista. Do seu espólio científico constam vários documentos reveladores do prestígio que usufruía além-fronteiras, entre os quais uma carta do Comité do Nobel, convidando-o para propor um candidato e correspondência com figuras destacadas da época. Mário Soares, num texto de apresentação no catálogo da exposição *Abel Salazar – O Desenhador Compulsivo* (2006), apresentada no Centro Cultural de Belém em Lisboa, sublinha a imensidão do seu espírito, aberto e generoso:

«foi uma figura da renascença, porque acumulou a ciência e as artes com a filosofia, o pensamento crítico e a escrita, tendo publicados livros impressionistas (de viagens, por exemplo) e múltiplos ensaios de crítica de arte e de reflexão filosófica.» No catálogo da exposição *Transparência. Abel Salazar e o seu Tempo, um Olhar* (2010) no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, um projecto da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, que tive a honra e o gosto de ser o curador, Artur Santos Silva, presidente da Comissão, sublinha o rigor e empenho que colocou em ambas as práticas, artística e científica, criando metodologias específicas: «Embora se celebre a dimensão de Abel Salazar como extraordinário homem das ciências médicas, elege-se, como área de estudo e consagração, o pintor que, a par do rigor metodológico imposto pelo laboratório, compreendeu que a arte é outro meio, mais incerto e subtil, de procurar a nossa razão de ser. Foi assim que Abel Salazar praticou uma espécie de terapia para a alma que usa as emoções e um olhar fraterno sobre as gentes e as suas vidas.»

Mas, apesar do seu intenso labor e das muitas cumplicidades que foi criando, políticas e outras, Abel Salazar foi um homem só profissionalmente, como acontece com quase todas as grandes figuras da história. A versatilidade de interesses e práticas culturais geraram invejas e ódios profundos, alguns deles insanáveis. Muitos dos seus pares olhavam-no com desconfiança e até mesmo hostilidade. Por isso o afastaram compulsivamente da academia, como o revela a triste demissão da Faculdade de Medicina do Porto em 1935. Uma tentativa de reintegração posterior, cinco anos depois, feita pelo então ministro da Educação, Mário de Figueiredo, deparou com a barreira do corpo docente: quase todos os professores se opuseram à sua reentrada na Faculdade. Como advertia Ricardo Jorge no prefácio a um livro de Egas Moniz (Júlio Dinis e a sua obra), embora a cultura humanista seja um «predicado de realce» dos médicos, e as «musas» um benefício para os «doutores», os que se mantiverem fiéis às musas e ao «sacerdócio do templo de Cós», irão ser, mais cedo ou mais tarde, abocanhados pelos «oficiais do mesmo ofício».

Egas Moniz: um *gentleman culto*



José Malhoa, *Egas Moniz*, 1932, óleo sobre tela
Col. Museu de Medicina, Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Egas Moniz (1874-1955) é igualmente uma figura maior da ciência. Em 1927, com a invenção da angiografia cerebral ele inscreveu Portugal nos roteiros da história da ciência mundial. Foi um gigantesco passo para o progresso da medicina. Nas suas *Confidências de um Investigador Científico* recorda recorda com emoção o acontecimento: «Naquela hora inesquecível [...] todas as atenções se concentravam no exame da primeira arteriografia. E recordávamos com satisfação o trabalho despendido, no alheamento de qualquer outra actividade mental; a condensação do pensar constante na realização dum programa preestabelecido que acabávamos de conseguir. No filme viam-se os vasos cerebrais, mas deformados, devido á presença do tumor. A carótida interna estava projectada para a frente, desfeito o sifão, tão nitidamente marcado nas arteriografias cadavéricas normais; o grupo sívico deslocado na origem para a parte superior, mas podendo seguir-se, no seu percurso as artérias que o constituem. Também as artérias cerebrais frontais, da parte esquerda do hemisfério, estavam bastante visíveis.»

A angiografia foi e continua a ser uma técnica importante para a identificação do local e da natureza das lesões do sistema nervoso. Como refere João Lobo Antunes, «Do ponto de vista diagnóstico foi, pouco a pouco, substituída por técnicas não invasivas, quer de tomografia axial quer de ressonância. Mas desempenha hoje um papel insubstituível, e previsivelmente duradouro, na chamada neurorradiologia de intervenção, a única aplicação que Egas não terá previsto. O alargamento da área das aplicações das novas tecnologias médicas é uma característica intrínseca destas e a angiografia cumpre, assim, o seu destino.».

Passada quase uma década, em 1936, Egas Moniz irá dar novo passo de gigante para o progresso das ciências: a invenção da leucotomia pré-frontal, a primeira técnica cirúrgica do mundo utilizada no tratamento de certas psicoses. A técnica consiste em pequenas incisões que destroem as conexões entre a região pré-frontal e outras partes do crânio. Deste modo os sintomas de alguns dos doentes a ela submetidos melhoravam significativamente. O modelo teórico da leucotomia, construído por Egas Moniz e aplicado pelo neurocirurgião Pedro Almeida Lima (1903-1985), resultou de uma reflexão amadurecida de Egas, a partir da descoberta do neurônio por Ramón y Cajal e dos estudos de experimentação animal de Goldstein, sobre a função cerebral. A invenção da leucotomia tem repercussões muito para além da ciência médica: ela é uma porta que se abre a um vasto campo de investigação – o das neurociências e da neurocultura contemporâneas –, que busca a inteligibilidade total do funcionamento do cérebro. A técnica tornou-se rapidamente popular em todo o mundo, valendo-lhe o prémio Nobel em 1949 (partilhado com Walter Rudolf Hess).

Egas Moniz, tal como Abel Salazar, além da medicina e da ciência, cultivou outros saberes: foi escritor e crítico literário e amante das artes. Os seus escritos sobre pintura e a sua notável coleção de pintura naturalista, de que se destaca Silva Porto, Malhoa e Carlos Reis, além de louças, pratas e mobiliário de variada proveniência, testemunham este gosto cultivado.

Da bibliografia literária de Egas Moniz, começo por destacar a sua notável tese de doutoramento, *A Vida Sexual* (1901), uma obra extremamente ousada para a época, em que aborda o tema da contracepção numa perspectiva neo-malthusianista. Igualmente notável é o seu ensaio *Júlio Dinis e a sua obra* (1924) sobre a obra do famoso médico-romancista Júlio Dinis, criador do célebre João Semana. Iluminado pela psicanálise,

Egas Moniz demonstra que Júlio Dinis se inspirou em personagens reais oriundas de Ovar na criação das figuras principais dos seus romances *A Morgadinha dos Canaviais* e das *Pupilas do Senhor Reitor*. Noutro texto importante, «Necrofilia de Camilo Castelo Branco», Egas Moniz reage ao modelo positivista e realista de Teófilo Braga, recorrendo igualmente à psicanálise. São também da sua autoria notas biográficas sobre o Abade de Baçal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoais, Júlio Dantas, João de Deus e Ricardo Jorge. Destaque também para a inédita conferência «Os médicos e o teatro vicentino» (1937), que abre luz sobre a obra do fundador do teatro em Portugal. Também é da sua autoria uma texto sobre o padre António Vieira, que procura demonstrar ter sido o famoso literato jesuíta o precursor da teoria organicista das doenças mentais. Da sua autoria são também vários escritos sobre a pintura de Silva Porto e Malhoa, com referências a Picasso, Léger, Duchamp, Kandinsky... Na sua derradeira obra auto-biográfica, *A Nossa Casa* (1950), revisita as suas raízes e Avanca, o lugar onde a sua memória passará a residir permanentemente através da Casa-Museu.

Como refere António Macieira Coelho, sobrinho-neto de Egas Moniz, é espantoso «que o médico neurologista galardoado com o prémio Nobel, o médico que se aventurou por outros caminhos da medicina, o homem culto que se debruçou por temas da literatura e da arte com conhecimento e saber, tenha sido ainda político e diplomata, representando Portugal em Madrid, na corte de Afonso XIII, e ser o primeiro presidente da Delegação Portuguesa na Conferência de Paz no fim da I Grande Guerra.». Norman Dott, célebre neurocirurgião escocês, retrata assim Egas Moniz: «Ele era um *gentleman* português amável, culto, com um feitio sereno, mas com um instinto para a liderança activa, um historiador, um político e um *gourmet*, um médico, e, principalmente, um terapeuta clínico, que via o sofrimento dos pacientes com intolerância, que desejava ardente mente ajudar os doentes.»

Ver e conhecer o corpo do mundo

Quer Abel Salazar quer Egas Moniz foram ambos grandes viajantes, como não podia deixar de ser. As viagens permitiam-lhes não só divulgar as suas invenções e descobertas, como a troca de impressões com os seus pares e o conhecimento do corpo do mundo, as memórias e os lugares. Os relatos dessas viagens são documentos extraordinários porque, em grande parte devido à sua subjectividade, falam mais sobre

os seus autores do que qualquer biografia. Entre os muitos textos que escreveram sobre esta temática, escolhi os que falam de Veneza e Florença, duas magníficas cidades no Renascimento, em que o real e o imaginário se confundem.



Vittore Carpaccio, *Miracle of the Cross at the Ponte di Rialto*, 1496, óleo sobre tela
Col. Gallerie dell'Accademia, Veneza

Abel Salazar evoca a bela Veneza decadente através de um olhar melancólico que faz lembrar o escritor Thomas Mann, e também Hoffmannsthal: «Triste carcaça, já um pouco exausta, a desta Veneza finda, explorada piamente, com um cinismo insaciável, de balcão, prostituído pelo *spleen* bocejante do turismo cosmopolita, bricabraque artístico e histórico, zelosamente conservado como uma curiosidade rendosa e onde os ecos moribundos de um passado exuberante e original contemplam dolorosamente a revivificação comercial, com ruídos de casino, que o fatigado tédio do turista torna imprescindível; triste carcaça poluída, profanada, que expõe a olhos indiferentes, ao som de ritmos de opereta, a sua mescla de miséria e de opulência findas.» (*Uma Primavera em Itália*, 1934)

Egas Moniz, pelo contrário, começa por se emocionar com a atmosfera de Veneza, associa-a, à maneira de Proust, à ria de Aveiro, memória dos lugares de infância, e exalta a dimensão histórica desta esplendorosa cidade-Estado, onde por todo o lado se encontram marcas do seu passado glorioso: «Cidade de graça pagã, onde a luz varia em

cambiantes bizarros e os canais que separam as muitas ilhas sobre que está construída, enxameiam de gôndolas que lembram os barcos da minha Ria de Aveiro. [...] Os grandiosos palácios em torno do grande canal falam de opulências passadas e presentes. Veneza resplandeceu de glória marítima e notabilizou-se pela argúcia de alguns dos seus doges e hábil política. Hoje é grande e apreciada pelas suas belezas naturais e pelas magnificências dos seus tesouros artísticos. Foi pátria de extraordinários pintores, que fizeram escola: Bellini, Ticiano, Tintoretto, Veroneso, Tiepolo e tantos outros. Tem na sua história grandes navegadores, como Marco Pólo, que se aproximaram dos portugueses pela audácia e valentia. Ali nasceram vários pontífices, honra que todas as terras de Itália chamam em seu favor, e notáveis pensadores que não cabe aqui enumerar. Veneza pode orgulhar-se tanto do seu glorioso passado como das louçanias e prodigiosa indumentária citadina, galhardamente ostentadas aos olhos ávidos dos milhares de visitantes que diariamente a admiram, em sucessivas peregrinações.»

(*Confidências de um investigador científico*, 1949)



Giuseppe Zocchi, *Piazza della Signoria*, sec. XVIII, óleo sobre tela
Col. Privada

Florencia, a cidade dos Médicis, seduz igualmente a ambos pela beleza aristocrática. Abel Salazar sublinha a arte do rigor, a elegância dos pormenores e a harmonia do conjunto: «Florencia é um destes locais raros da terra, em que a realidade excede o imaginário e o domina tiranicamente sem piedade: [...] No interior a cidade requinta de elegância aristocrática, pejada de jóias arquitectónicas, burilada por dedos de fada, dispostas com arte suprema por mãos discretas, em praças idealmente equilibradas, sem

excessos teatrais. Pequenas maravilhas talhadas em granitos velhos, de tons amortecidos pelo tempo, alternam com as grandes construções de uma majestade nobre e serena, discreta na sua suprema distinção, sem espectaculosas orquestrações de ornatos: as pedras cinzentas do Palazzo Vecchio e do Pitti recordam à cidade o seu discreto fausto artístico de outrora, a sua glória de princesa das artes e a magia de um passado sob todos os pontos de vista único.» (*Uma Primavera em Itália*, 1934)

Egas Moniz, não esconde a emoção estética que o contacto com esta bela cidade-museu, berço do Renascimento, lhe desperta: «[Florença] foi, por certo, o maior centro da cultura, da arte e do pensamento italianos. Ali vive a austeridade medieval em muitos dos seus monumentos, que contrastam com aqueles em que brilha a arte inexcedível da Renascença. [...] Não cabe nestas páginas, mesmo em resumo, o que há para ver neste relicário de arte, onde os dias passam despercebidos, na admiração de monumentos e galerias. Domo, Campanila, Batistério, Palácio Vecchio, del Podesta, dos Médicis, Museu nacional, de S. Marcos, Galeria Pitti, eu sei lá, um sem número de privilegiados templos em que a beleza está em lausperene.» (*Confidências de um investigador científico*, 1949)

Casas museu Abel Salazar e Egas Moniz: memória viva

A memória de Abel Salazar e Egas Moniz, o seu pensamento e prática interdisciplinares, a sua intimidade permanecem hoje vivos. Muita dessa vitalidade deve-se às respectivas casas museu, em São Mamede de Infesta e Avanca, cuja programação renova e revive a história destas duas figuras centrais da cultura contemporânea, ligando passado ao presente. Estes museus são duas jóias do património museológico, dois locais de peregrinação da cultura humanista da medicina, que mostram a subjectividade, o mundo íntimo destas duas grandes personalidades cosmopolitas da cultura médica, nascidas em Portugal, duas referências do pensamento interdisciplinar, do cruzamento das «duas culturas», a ciência e as humanidades. Ao visitar as suas casas, os lugares onde residiam, percebemos melhor o gosto, as opções pessoais de cada um, o modo como souberam, inseridos no Mundo, criar o seu próprio mundo.



Casa Museu Abel Salazar, S. Mamede de Infesta



Casa Museu Egas Moniz, Avanca, Estarreja

Para que a sua memória não se desvaneça e o seu exemplo frutifique é importantíssimo que se preserve este legado patrimonial único, simultaneamente local e universal. Sem dúvida que os portais da internet, os dispositivos virtuais, ajudam a divulgar toda esta riqueza, mas não substituem a intimidade, o contacto directo dos visitantes com o espaço e a realidade física dos objectos que o povoam, recheados de memórias. Por isso é tão importante amar-mos e preservarmos este património único, a sua realidade tangível. Porque só se ama e comprehende verdadeiramente aquilo que se experiencia, aquilo que se toca e se conhece.

Numa altura em que a cultura humanista parece sucumbir face à cultura economicista, com muitos museus a fecharem ou em risco de colapso por não se adequarem aos padrões de consumo das massas (máximo de visitantes, máximo de espetáculo, máximo de receitas...), cuidar e defender o património cultural é um imperativo político (ou cívico, se quisermos). E também económico, porque é o património cultural a nossa grande riqueza, o que verdadeiramente nos distingue no contexto da globalização que ameaça extinguir os Estados-nação. O retorno destas instituições não se pode quantificar apenas pelo número de visitantes. É óbvio que o espírito e os valores das casas museu podem e devem disseminar-se pelo mundo fora, virtualizando-se através da internet ou outros suportes de informação. Mas o virtual não substitui o real, é apenas um complemento, um meio de divulgação. Precisamos de uma âncora no real, de experienciar fisicamente o corpo do mundo. Neste caso o mundo das casas museu.